Décima nona carta — Blasfêmias do século XIX (fim)

> **Sumário.** Os dois grandes corpos de exército de Satanás: a Internacional e a Franco-Maçonaria. — Programa. — Poder atual da Franco-Maçonaria. — História.

20 de julho.

Meu caro amigo,

A expulsão da religião do ensino e das escolas já recebeu um começo de execução material. Não esqueceste que os homens da Comuna arrancavam das salas de aula os crucifixos, as estátuas da santíssima Virgem, as imagens dos santos e tudo o que pudesse despertar ou manter nas crianças um pensamento cristão.

Todo o mundo conheceu os projetos de um antigo ministro da instrução pública, no reino cristianíssimo, que mandava suprimir todas as imagens representando as histórias do Antigo e do Novo Testamento, ou os apóstolos e os santos, para substituí-las pelas figuras dos animais úteis ou nocivos à agricultura.

Podia-se crer que o tempo fizera boa justiça, tanto dos atos sacrílegos da Comuna como dos pensamentos grosseiramente materialistas do ministro: é preciso voltar atrás. Leiamos antes a circular de um edil da França, que acaba de cingir a faixa de prefeito. Dirigindo-se a seus eleitores, diz-lhes:

> *Eis o título dos livros que serviam nas escolas congreganistas: o catecismo, o evangelho, as ladainhas, a história santa.*

> *Além disso, todas as paredes de nossas escolas estão ainda placardadas de crucifixos, de maus desenhos representando as cenas do Antigo Testamento e de quadros impressos, contendo sentenças e máximas religiosas para uso das corporações religiosas. Acrescentai a isso as missas, as confissões e outras práticas pietistas. É todo um sistema de educação (???).*

> *Era tempo de pôr termo a todas essas manobras embrutecedoras, e a nossa obra de regeneração apenas começa.*

> *A nós, representantes da cidade, incumbe o dever de velar pela educação da juventude e, ao iniciar essa tarefa, rejeitemos antes de tudo essa bagagem de instrução clerical, substituamos esse culto idólatra renovado do paganismo por bons livros de análise, de história nacional, noções de direito público e de moral universal.*

> *Proponho à comissão municipal autorizar o prefeito a fazer retirar das diversas classes de nossas escolas os vestígios do antigo ensino congreganista.*

Vês: o século XIX, personificado naqueles que o dirigem, não quer a nenhum preço dobrar o joelho diante de Deus; quer, além disso, por suas abomináveis blasfêmias, que todos os católicos, até o último, imitem o seu exemplo. Resta a segunda parte de seu programa: consiste em prometer que aniquilará todos os objetos capazes de lembrar o mundo sobrenatural, de modo que os cristãos já não terão razão para fazer a genuflexão, a não ser diante dos deuses dele.

> *Livres-pensadores, protestantes, anglicanos, hereges, infiéis de todos os países, dai-vos por avisados e sabei a sorte que vos é reservada, se o papa de Satanás vier a triunfar. Diante do perigo comum, reuni-vos, formai legiões e atacai o monstro. As fortalezas da superstição e do fanatismo chamam-se conventos, mosteiros, seminários grandes e pequenos, presbitérios, capelas, santuários, catedrais. Todos esses antros da teocracia devem desaparecer. Não devemos sofrer, nós, inimigos do catolicismo, que uma só dessas basílicas se erga sobre a terra para ameaçar as nossas crenças filosóficas. Queimemos os emblemas da idolatria romana: confessionários, cruzes, bandeiras, estátuas, imagens, missais, escapulários, relicários. Destruamos de alto a baixo conventos, mosteiros, presbitérios, capelas, santuários, igrejas e catedrais. Então começará para o*

> *povo o reino de Deus sobre a terra, a era da liberdade, da igualdade, da fraternidade. No mesmo dia em que o povo for vitorioso, deverá proceder ao incêndio dos covis do fanatismo, nas cidades e nos campos, em todos os pontos ao mesmo tempo.*

> *Eis de que maneira, povo, é preciso operar para destruir as fortalezas da superstição. No interior dos monumentos colocarás um leito de palha, de vigas, de entulho de madeira; sobre esses materiais terás o cuidado de dispor, de distância em distância, barris de petróleo, de óleo, de alcatrão, de essência, de álcool, ou tudo o que tiveres à mão para alimentar o incêndio. Uma centelha bastará para fazer explodir a conflagração. O calor intenso produzido pela acumulação de matérias inflamáveis calcinará as pedras, transformará os mármores em cal, fará escorrer em lavas ardentes os suportes de ferro; e os edifícios afundarão sob o próprio peso.*

Todas as blasfêmias, todas as ameaças, todos os projetos citados nestas cartas são extraídos palavra por palavra dos escritos dos revolucionários atuais. Para que ninguém seja tentado a lê-los, tive o cuidado de não indicar as obras em que se encontram.

Têm toda a razão em anunciar que, para eles, a Comuna, com todos os seus horrores, não é mais que um combate de vanguarda, e 93 uma pálida luz do que nos preparam.

Dizer, para tranquilizar-se, que essas ameaças são insensatas; que esses projetos jamais se realizarão; que as blasfêmias que acabamos de ouvir não são mais que vozes perdidas de alguns energúmenos, sem eco, mesmo no partido do mal: seria, a meu ver, uma perigosa ilusão. Assim raciocinavam os adormecedores de 89. Quem lhes tivesse predito 93 teria sido tratado como visionário. E no entanto…

Não, meu caro Frederico, nem essas ameaças são insensatas, nem esses projetos irrealizáveis, nem essas blasfêmias vozes isoladas. Eis a razão: a negação é o ódio; o ódio levado ao limite extremo só se satisfaz com a destruição do objeto odiado. A destruição radical do catolicismo e de tudo o que ele tocou está, pois, forçosamente no pensamento, como na lógica do mal. Felizmente Deus está aí; e Aquele que põe freio à fúria das ondas sabe também deter as tramas dos maus.

Quanto às blasfêmias, longe de serem vozes isoladas e impotentes, são os gritos de guerra do grande exército de Satanás. Até aqui exército subterrâneo, manobra hoje em pleno sol, com os seus dois grandes corpos: a Internacional e a Franco-Maçonaria.

Para falar apenas desta última, ela mesma vai dizer-te o que é e o que quer.

Há pouco ainda dava-se por sociedade filantrópica: sociedade perfeitamente inofensiva, que não tinha outro fim senão ser útil aos seus membros, socorrendo-os em suas necessidades e

regalando-os de vez em quando em fraternais ágapes. É o que repetem ainda, creiam-no ou não, os maçons de baixa categoria. Se a maçonaria fosse apenas isso, jamais a Igreja a teria ferido de anátemas. Outra é a linguagem, outro o fim dos iniciados, sobretudo nos altos graus.

Segura da impunidade, por ter-se tornado uma potência, a franco-maçonaria lançou fora a máscara; e, em resposta às condenações da Igreja, toma audaciosamente a ofensiva.

> *Pois bem! sim, diz ela, eu sou o ódio da religião e da sociedade; nego todos os dogmas do catolicismo; nego a Trindade; nego a divindade de Jesus Cristo; nego a Eucaristia; nego a virgindade de Maria; nego o inferno; nego a graça; nego a infalibilidade do Papa.*

Todas essas blasfêmias, e muitas outras que seria fácil citar, são extraídas textualmente de seus jornais. Eis ainda algumas:

> *O nosso objetivo é libertar o Estado da Igreja de Roma. Escolhamos: Liberdade ou fogueira; constituição política ou Syllabus; liberdade de consciência e de cultos ou Igreja privilegiada, audaciosa, caprichosa e intolerante; filosofia ou obscurantismo; virtude ou crime; patriotismo ou prostituição; liberdade ou aviltamento.*

> *Roma constituiu-se a negação da verdade e a mais perversa destruidora da dignidade humana. Hoje, para não ser católico, basta ser Romano.*

Basta, demais talvez. A pena me cai das mãos. Ao transcrever tais horrores, parece que se é o secretário de Satanás.

Eu te disse que a franco-maçonaria é uma potência, e uma potência formidável. É verdade demais. Conta em seus altos graus reis, imperadores, príncipes, embaixadores, ministros, deputados, senadores, generais, oficiais de todas as patentes, acadêmicos e funcionários em todas as administrações; tem adeptos por toda parte… até em certo lugar.

Reina na Bélgica, onde toda carreira liberal está fechada ao jovem que não é franco-maçom. Reina na Itália, onde realizou no Quirinal o seu Concílio ecumênico, em oposição ao Concílio do Vaticano. Dou esse nome à convocação de todos os principais chefes da franco-maçonaria, que teve lugar há menos de quatro anos. A essa reunião assistiram em pessoa, ou fizeram-se representar, personagens políticos altamente colocados e até maçons coroados. O fato correu os jornais.

Reina na Inglaterra, onde o herdeiro do trono é o seu grão-mestre; reina na França, não preciso dizê-lo; reina no México, de onde há pouco expulsou quinhentas Filhas da Caridade; reina na América meridional, onde encarcera os bispos e envenena as associações religiosas. Depois do concílio de Rimini, são Jerônimo dizia que o mundo se espantou de achar-se ariano; hoje é permitido dizer: *«O mundo pode espantar-se de ser franco-maçom.»*

Por isso, é preciso ver com que soberbo desdém a franco-maçonaria acolhe as condenações da Igreja. A seus olhos são nulas todas as excomunhões lançadas contra ela havia cento e cinquenta anos e sem cessar renovadas. Ainda há pouco respondia nestes termos à condenação de Pio IX pronunciada contra os franco-maçons do Brasil:

> *O prazo concedido por Pio IX aos franco-maçons para se arrependerem passou. Nenhum se arrependeu. Que a espada papal caia, pois, sobre a cabeça deles, e depressa! Vamos! Coragem! Não tenhais medo, padres de Roma! Aniquilai os franco-maçons que vos desprezam, a vós, ao vosso poder e às vossas ridículas excomunhões.*

Se o que acabas de ler revela a última palavra da franco-maçonaria, o fato seguinte a põe em plena luz.

> *Fui chamado, há poucos dias, contava-nos um venerável religioso passionista, para administrar um moribundo em Brooklyn. Era um alemão que eu tivera ocasião de encontrar várias vezes. Sua filha única, excelente católica, preveniu-me de que o pai era franco-maçom e de que era preciso exigir a sua retratação.*

> *Depois de ouvir-lhe a confissão, perguntei-lhe se não pertencera a alguma sociedade secreta. "Sim, padre, sou franco-maçom; mas, o senhor sabe, na América isso não é mal." — "É um erro, disse-lhe, a franco-maçonaria é condenada por toda parte onde existe. É preciso, pois, que o senhor retrate tudo o que possa ter prometido e me entregue as suas insígnias."*

> *O doente fez algumas dificuldades, mas conservara a fé, e assinou a retratação que redigi; depois, tive de insistir de novo para obter a sua faixa, o seu esquadro e a sua colher de pedreiro de prata, o seu avental de pele e o seu ritual, guardados num armário junto ao leito. Tive de explicar-lhe a necessidade de despojar-se de todos esses objetos, se queria dar prova de um arrependimento sincero e de um retorno eficaz à Igreja.[1] Saí levando os despojos opimos e muito*

> *feliz por ter arrancado uma alma ao demônio.*

> *A moça esperava-me no vestíbulo: "Pois bem!, disse ela, meu pai lhe entregou tudo? Tudo, não é? Fez as pazes com Deus?" — "Veja antes, minha filha." E mostrei-lhe os objetos que tinha na mão. Ela os toma um após outro e depois, com ar triste, diz: "Não, não está tudo aqui; não lhe custou entregar essas insígnias; custou-lhe mais este livro, que é próprio do seu grau. Mas há ainda outra coisa." — "Que é?" — "Um escrito cujo conteúdo ignoro; meu pai recomendou-me levá-lo, bem lacrado, depois da sua morte, ao chefe de sua Loja. Deve ser algum segredo importante."*

> *Volto para junto do doente e lhe digo: "Meu pobre amigo, por que me engana? O senhor vai comparecer diante do tribunal de Deus; julga escapar à sua justiça? Tem ainda alguma coisa a me entregar?" O doente pareceu consternado; notei a palidez de seu rosto e a perturbação de seus olhos; depois disse, com certo embaraço: "Mas o senhor levou tudo, não tenho mais nada a lhe entregar.*

> *— Não, há um escrito, como fazem todos os franco-maçons." — "É um erro, padre, não tenho mais nada." Redobrei a insistência; tudo era inútil, o demônio ia triunfar. Empreguei todos os meios que julgava eficazes nessa ocasião. Nada obtive; o doente negava ou não respondia. Então a filha abre a porta e lança-se de joelhos ao pé do leito. "Oh! meu pai, por favor, salve a sua alma; a sua filha seria infeliz demais. O senhor diz que me ama, prove-o agora."*

> *O doente não esperava esse abalo. Os abraços e as lágrimas da filha o comovem; ela lhe prodigaliza as mais vivas carícias, diz-lhe as mais ternas palavras, fala-lhe do céu que ele perde, e o doente quer responder: "Tu sabes que não tenho nada escondido." A filha, tomando um tom inspirado: "Não minta, meu pai, sempre foi franco; que eu não me envergonhe de seu nome. Entregue ao Padre o papel que me recomendou levar ao venerável da Loja."*

> *A essas palavras o doente dá um grito; depois, fazendo um esforço, diz suspirando: "Não, minha filha, não te envergonharás de teu pai. Toma, pega*

> *esta chave no meu pescoço, abre a gaveta e entrega ao Padre o papel que ela contém." Depois cai prostrado.*

> *A filha, pronta como o relâmpago, executara as suas ordens e me entregava um envelope lacrado, dizendo: "Vitória, meu pai está salvo; vomitou o veneno."*

> *Essa cena me havia tocado profundamente. A coragem dessa moça lembrava-me uma cristã dos primeiros séculos. O doente viveu ainda algumas horas, e suas últimas palavras foram um ato de contrição, ao mesmo tempo que de fé e de esperança. Abri, na presença da filha, o envelope oculto. Era um juramento assinado com sangue. Eu ouvira falar desse gênero de escritos, em uso entre os chefes da franco-maçonaria; mas, ao percorrer aquele papel, não podia crer nos meus olhos. Era o juramento de uma guerra sem fim, sem piedade, contra a Igreja, o papado e os reis, com as mais execráveis maldições se violasse a palavra. Esse papel, entreguei-o nas mãos do arcebispo, para que pudesse apreciar tanto quanto eu a malícia infernal da franco-maçonaria.*

Eis o que nos contou o Padre passionista. Esse fato, entre mil, prova que a franco-maçonaria é em todos os países a inimiga mortal do cristianismo, da Igreja católica e de todas as suas instituições, do Papado tanto espiritual quanto temporal e de todas as autoridades legítimas, tanto civis quanto religiosas.

Em que pensam os governos que a favorecem? Não é o caso de repetir o oráculo divino:

> *Terribili et ei qui aufert spiritum principum, terribili apud reges terræ. E ao que tira o espirito aos principes, ao que he terrivel aos reis da terra.*[2]

Que opor às blasfêmias da impiedade atual e da franco-maçonaria? As cartas seguintes no-lo dirão.

Todo teu.

Notas

[1] Teria sido melhor exigir todas essas coisas antes de começar a confissão... [N. do T.: a nota está truncada na edição original.]

[2] N. do T.: (Sl 75, 13). O original acrescenta uma tradução francesa («Terrível aquele que tira a inteligência aos Príncipes...»), que difere do texto de Figueiredo; seguimos este.

Revision #1
Created 24 November 2026 01:13:53 by Admin
Updated 24 November 2026 01:13:53 by Admin